



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

ELISA BULAT

Como fazer uma Nova Museologia? Análise de
uma experiência do Programa Mais Cultura nas Escolas com o projeto As Tradições
da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, 2014, Duque de Caxias, RJ

Brasília, DF

2016

ELISA BULAT

Como fazer uma Nova Museologia? Análise de uma experiência do Programa Mais Cultura nas Escolas com o projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, 2014, Duque de Caxias, RJ

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília, DF

2016



FOLHA DE APROVAÇÃO


Como fazer uma Nova Museologia? Análise de uma experiência do Programa Mais Cultura nas escolas com o projeto As Tradições da mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, 2014, Duque de Caxias, RJ.

Aluna: Elisa Bulat

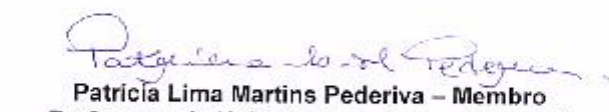
Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:


Ana Lúcia de Abreu Gomes - Orientadora
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História Cultural - UnB


Marijara Souza Queiroz – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Artes Visuais - UFBA


Patrícia Lima Martins Pederiva – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Pós-Doutora no Departamento de Psicologia - UAM

Brasília, 23 de junho de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e ao meu filho que, pelo simples existir, me conectam com a eternidade.

RESUMO

Neste trabalho há a análise do projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, da política pública do programa Mais Cultura nas Escolas, sob a luz da Nova Museologia. Com ações de pesquisa, conservação e comunicação de saberes e celebrações tradicionais no bairro de Santo Antônio da Serra, Duque de Caxias – RJ, com a parceria do Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires e o SINAL do Vale. Por fim, questiona-se o custo das atividades museais, a função da instituição e dos profissionais de museus, tanto no panorama da Nova Museologia como da museologia tradicional.

Palavras chave: Nova Museologia. Programa Mais Cultura nas Escolas. Políticas Públicas. Políticas Culturais. Duque de Caxias.

ABSTRACT

In this research there is an analysis of the project 'As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica', part of the public policy Programa Mais Cultura nas Escolas, in the light of the New Museology. With research activities, conservation and communication of knowledge and traditional celebrations in Santo Antonio da Serra's neighborhood, Duque de Caxias – Rio de Janeiro, with the partnership of the State College, Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires and SINAL do Vale. Finally, we question the cost of museological activities, the function of the institution and museum professionals, both in the panorama of New Museology as traditional museology.

Keywords: New Museology. Programa Mais Cultura nas Escolas. Public policy. Cultural Policy. Duque de Caxias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

| | |
|-------------------------------|----|
| Memorial e justificativa..... | 8 |
| O Problema em Discussão | 10 |
| Objetivos..... | 14 |
| Metodologia | 15 |

CAPÍTULO 1:

| | |
|---|----|
| A Nova Museologia, impactos na museologia, no museu e no museólogo..... | 16 |
|---|----|

CAPÍTULO 2:

| | |
|--|----|
| 2.1 Apresentação do programa Mais cultura nas Escolas..... | 22 |
| 2.2 Apresentação da experiência do projeto As Tradições Da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica e correlações com a Nova Museologia..... | 22 |

| | |
|----------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
|----------------------------|----|

ANEXOS

| | |
|--------------------|----|
| Anexo I..... | 46 |
| Anexo II | 48 |
| Anexo III | 51 |
| BIBLIOGRAFIAS..... | 54 |

Introdução

Logo nos primeiros semestres na graduação em Museologia, me deparei com o potencial pedagógico das instituições museais. A construção de narrativas, o contato com testemunhos da história, as ações educativas são ferramentas para o desenvolvimento de processos de aprendizagem vivos, prazerosos e participativos.

Nesse primeiro momento, ainda via o potencial pedagógico da Museologia limitado ao espaço museal. Porém, autores adeptos das teorias da Nova Museologia, como Mário Chagas (s/d), Maria Célia Santos (2001, 2008), Waldisa Russio (1977), Peter Von Mensch (1947), ao ampliarem o conceito de objeto, edifício e público, para patrimônio, território e comunidade, ressignificaram o fazer museológico. Assim, o contato com o patrimônio cultural é visto, aceito e incorporado de uma maneira mais colaborativa e as ações educativas passam a valorizar ainda mais a diversidade cultural e a cidadania recuperando a dimensão política do ato de educar.

Durante toda a graduação conheci lugares e pessoas que lidavam com patrimônio cultural e natural das mais diversas formas. Passei a ver a Museologia em lugares onde outras pessoas não viam. Em Brasília, conheci o Sítio Geranium (um sítio que produz orgânicos em sistemas agroflorestais e desenvolve atividades de educação ambiental com crianças, jovens e adultos). Conheci, igualmente, o Sítio Semente e Chácara Asa Branca que trabalham a educação sócio ambiental a partir dos preceitos da Permacultura. Nesses lugares eu vi a Nova Museologia.

Já no 6º semestre do curso tive a oportunidade de conhecer e contribuir no desenvolvimento do protagonismo sócio ambiental no SINAL do Vale, no Rio de Janeiro. Na ocasião, me comprometi com o programa de voluntários estrangeiros no desenvolvimento de diferentes pratos culinários com elementos locais (valorizando a flora e saberes dos povos da Mata Atlântica). Em especial, tive a oportunidade de desenvolver o projeto *As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica*, do Programa Mais Cultura nas Escolas. Neste, vi e vivi a Nova Museologia.

O projeto visava o desenvolvimento de pesquisa acerca das tradições e saberes locais. Para isso, trabalhamos com crianças, jovens, adultos e senhores e senhoras da comunidade. As atividades do fazer museológico foram as principais ferramentas: pesquisa, conservação e comunicação. Cada etapa era, inevitavelmente, um processo de aprendizagem. Como esta foi a experiência mais próxima da Nova Museologia que tive durante toda a minha graduação, decidi analisa-la à luz do Programa Nacional de Educação Museal, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus, e do Programa Mais Cultura nas Escolas, procurando expor uma reflexão que unisse as teorias lidas, debatidas em sala de aula com uma experiência prática.

Este projeto me instigou a curiosidade acerca de outras manifestações culturais e outras metodologias envolvendo as atividades de pesquisa, conservação e comunicação numa perspectiva museal. Aliado à minha curiosidade, percebo a necessidade de valorização, proteção e disseminação do Patrimônio Cultural e Ambiental uma vez que, por diversos fatores, estão – em sua magnífica diversidade - ameaçados.

Os avanços da tecnologia, globalização e outros fatores da contemporaneidade estão enfraquecendo as relações entre as pessoas, o que se faz, o que se consome, a localidade onde se vive, o meio que nos cerca. Sendo assim, vejo na Nova Museologia uma possibilidade de amortecer tais impactos sociais.

Desejo que este trabalho possa ser fonte de reflexão e inspiração a todos aqueles amantes da Cultura Popular, Patrimônio Cultural e da Nova Museologia para que desenvolvam projetos nas áreas afins, pois acredito que a Educação Patrimonial é um caminho para a redução da violência, para valorização da Terra, da Natureza, das pessoas, da diversidade, trazendo propósito e compreensão sobre processos da vida individual e coletiva.

O Problema em discussão

O campo das políticas públicas no Brasil ganha destaque na virada do século XX para o XXI, fruto de um longo processo que se inicia com a redemocratização do país em meados da década de 1980. Diferentes setores da sociedade brasileira, especialmente aqueles tradicionalmente esquecidos pelo Estado, deram início a um processo de pressão em direção à conquista de seus direitos e de sua visibilidade para o Governo.

Sem dúvida esse processo tem um de seus ápices com a promulgação da Constituição de 1988 que estabelece que a cultura passa a ser um direito de todos e, por isso, deve ser garantida pelo Estado. Entretanto, para a discussão que propomos aqui, o preceito constitucional não é suficiente. Não é suficiente proteger a cultura e buscar garanti-la como um direito. Segundo Marilena Chauí é necessário garantir igualmente

O direito à participação nas decisões de política cultural e o direito de intervir na definição de diretrizes culturais e dos orçamentos públicos, a fim de garantir tanto o acesso quanto a produção de cultura pelos cidadãos. Trata-se, pois, de uma política cultural definida pela ideia de *cidadania cultural*, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, entretenimento, aos padrões do mercado, a oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque no exercício do direito a cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (2008, p. 66)

Ainda nos anos 1980, outro marco para o campo da cultura e para o estabelecimento de uma política para o setor foi a criação do Ministério da Cultura. Naquele contexto havia uma compreensão de que a área necessitava de políticas, diretrizes, marcos regulatórios específicos para o setor.

Ao longo dos governos Sarney (1985 – 1990), Collor (1990 – 1992), Itamar Franco (1992 – 1994) as duas gestões Fernando Henrique Cardoso (1994 – 2002) o Ministério da Cultura foi se consolidando, mas numa perspectiva de que a cultura era um negócio e, enquanto tal, deveria ser lucrativo. A alteração dessa visão só começou a ocorrer com a gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva a partir de 2003. Isto porque a compreensão dos setores que deram sustentação a sua

campanha eleitoral pressupunha que a construção de toda e qualquer política deveria ser participativa. Sendo assim, tivemos a construção coletiva do Plano Nacional de Cultura e a elaboração de forma igualmente participativa do Sistema Nacional de Cultura.

A área dos museus também foi contemplada nesse processo. Em 2003 é lançada a Política Nacional de Museus tendo, na sequência, a institucionalização no interior do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de um departamento específico para o setor, o Departamento de Museus e Centros Culturais. Na sequência, há a criação do Sistema Brasileiro de Museus, do Estatuto de Museus e, por fim, a autonomização da área com a criação em 2009 do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Isso tudo num período de apenas seis anos. (MORAIS, 2009)

Tendo adquirido sua autonomia, o IBRAM passou a atuar fortemente no campo cultural para a sua consolidação. Esse processo será revelador também de densos e intensos debates da área e de seus profissionais. Se a relação entre museus e escolas já ocupava parte significativa da atuação dos museus no Brasil, toda a abertura deflagrada com a autonomização do campo produziu um debate profícuo acerca da relação entre os museus e as escolas, bastante adensado pelas discussões da Mesa de Santiago do Chile e do Quebec. A autarquia recém criada dá início ao movimento de organização e elaboração do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) a partir de 2011 numa perspectiva de integrar cultura e educação em todo e qualquer espaço museal.

O PNEM também teve sua elaboração feita a partir dos mesmos moldes participativos das políticas anteriores. Em 2010, é elaborada a Carta de Petrópolis no 1º Encontro de Educadores do IBRAM. As temáticas debatidas no encontro e consolidadas no documento puderam ser sistematizadas em nove eixos de discussão. A proposta institucional levada a frente pela Coordenadoria de Museologia Social e Educação (COMUSE) foi organizar de maneira virtual um fórum para o amplo debate e discussão do PNEM além da estruturação de um blog com grupos de trabalho liderados por coordenadores com uma ampla participação dos interessados na tarefa de construção de uma política de educação museal. (MACHADO, 2015)

Apesar da efervescência do campo museal em direção aos processos educacionais, ainda não temos experiências suficientes para análise dessa política. Por outro lado, será no outro polo dessa relação – o educacional - que encontramos o estabelecimento de outra política pública, o Mais Cultura nas Escolas voltada igualmente para as nossas preocupações.

O Programa mais Cultura nas Escolas é um desdobramento do Programa Mais Cultura, lançado em 2007, tendo por eixos norteadores os temas Cultura e Cidades, Cultura e Cidadania e Cultura e Economia procurando articular a sociedade civil e os entes públicos.

Em 2014, fruto de uma ação interministerial – Ministério da Educação e Ministério da Cultura – é lançado o Programa Mais Cultura nas Escolas com o objetivo claro de estimular processos pedagógicos em contextos culturais.

Seus objetivos, como poderemos observar, estavam em perfeita consonância com as tendências pedagógicas progressistas norteadas pelo pensamento de Paulo Freire, C. Freinet, Miguel Gonzales Arroyo, Makarenko, Bernard Charlot, Demerval Saviani dentre outros. Esse programa interpretava a escola como um território cultural onde, pela circulação da diversidade cultural brasileira, se promoveria a ampliação do repertório cultural de alunos e professores, beneficiados pela intensa troca com os saberes das comunidades que abrigavam o espaço educacional. Essa comunidade ao se inserir efetivamente na escola se perceberia como agente educacional e se comprometeria com o espaço e os processos que ali ocorrem (Manual de Desenvolvimento Programa Mais Cultura nas Escolas, 2014).

Observaremos de maneira bem clara no primeiro capítulo desse trabalho que efetivamente educação e museus no Brasil têm uma relação de proximidade uma vez que as transformações que operaram na inflexão de pensamento promovida pela Mesa de Santiago do Chile e pelas discussões no Quebec em 1984 serão, como discorre Maria Célia Santos (2008) muito próximas àquelas apresentadas anteriormente. Segundo nossa autora, as diretrizes da Nova Museologia serão pautadas pelo princípio de que a cidadania se constrói ao longo do processo educacional/cultural mediante elementos como a memória coletiva, a apropriação de saberes, patrimônios e do próprio meio ambiente.

Sendo assim, nos propusemos a pensar, refletir e analisar uma política pública gestada nos Ministérios da Cultura e da Educação em franca consonância com os processos gestados no interior do IBRAM, qual seja a que pensa a educação em relação com diferentes contextos culturais, suas bases teóricas e aportes metodológicos no diálogo com a Nova Museologia.

Objetivos

- Objetivo geral:
 - Analisar uma experiência de educação em contextos culturais e sua relação com a Nova Museologia.
- Objetivos específicos:
 - Apresentar a Nova Museologia;
 - Apresentar o programa Mais Cultura nas Escolas;
 - Apresentar a experiência do Projeto *As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica*;
 - Analisar a experiência *As Tradições Da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica* no contexto da política pública do Mais Cultura/Mais Cultura nas Escolas;
 - Analisar os principais diálogos entre o Projeto *As Tradições Da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica* e a Nova Museologia.

Metodologia

Esse trabalho foi elaborado a partir da experiência no Projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, uma proposta para o Mais Cultura nas Escolas, realizada no Rio de Janeiro de julho a dezembro de 2014. A experiência gerou diversos documentos, tais como relatórios, fotografias, vídeos, questionários e entrevistas.

A análise dos documentos gerados no projeto se deu sob a ótica da Museologia, mais precisamente a corrente teórica da Nova Museologia e da Museologia Social, tendo como principais estudiosos Maria Célia Santos, Mário Chagas, Alice Duarte, Peter Van Mensch.

O primeiro capítulo trata do contexto político cultural, anterior ao projeto, que está diretamente relacionado a ele. São abordadas a Nova Museologia com um histórico internacional e suas inflexões no Brasil, iniciadas na década de 70 e 80. Nesse mesmo período, apresento o contexto político brasileiro com uma análise da Constituição de 1988 e as suas considerações acerca da cultura e do meio ambiente, como propostas para políticas públicas.

O segundo capítulo aborda o Programa Mais Cultura nas Escolas, e a experiência do Projeto As Tradições da Mata Atlântica em Mídia Eletrônica e Radiofônica, correlacionando-a com o campo museológico à luz da Nova Museologia.

Em considerações finais trago reflexões geradas nessa pesquisa para pensar o fazer museológico, suas funções e papel dos servidores de instituições museais, com apontamentos críticos que visam não esgotar o tema, mas levantar questões acerca da relação entre os objetivos dos museus, o custo de suas atividades e o retorno para com a sociedade.

Capítulo 1

1.1 A Nova Museologia, impactos na museologia, no museu e no museólogo

Desde o século XVI, encontramos no contexto europeu os Gabinetes de Curiosidades, ou Gabinetes de Maravilhas, nos quais objetos coletados, das mais diversas naturezas, eram expostos. O ato de expor não é novo portanto. No século XVIII, os museus tomam para si esta função, exibindo, de maneira restrita, coleções principescas e elitistas. Quando as atividades do museu começam a ser pensadas e estudadas, o foco está no acervo, na sua conservação e exposição, assumindo assim um caráter, por algumas vezes, demasiado técnico no fazer museal. Hoje não há consenso acerca do fazer museu e da Museologia:

Uma análise da discussão museológica dentro (e fora) do ICOFOM nos dá a seguinte diversidade de opiniões:

- a - A museologia como o estudo da finalidade e organização dos museus;
- b - A museologia como o estudo da implementação e integração de um certo conjunto de atividades, visando à preservação e uso da herança cultural e natural: dentro do contexto da instituição museu independente de qualquer instituição
- c - museologia como o estudo dos objetos museológicos da musealidade como uma qualidade distintiva dos objetos de museu.
- d - A museologia como o estudo de uma relação específica entre homem e realidade. (BOLSANELLO & DE OLIVEIRA, 1994, p. 1)

Pela bibliografia lida ao longo do curso e para a realização desse trabalho, parece claro que as décadas de 1970 e 1980 foram decisivas para o campo da Museologia por todas as transformações e questionamentos culminaram com a Nova Museologia. Nela, a interdisciplinaridade é concebida como marco metodológico (SOUZA & MORAES, 2003, p. 5), incluindo uma abordagem integrada entre a museologia e outras disciplinas ou ciências. “A referida vertente se destacou na trajetória histórica da disciplina por ampliar o conceito de museu (instituição) e pensar a interação entre o homem e o patrimônio em sentido integral, entendendo o público como agente das ações de preservação e comunicação patrimonial” (Idem).

No ano de 1972, o ICOM traça definições relativas à museologia, a qual cabe o estudo dos museus (história, trajetória, seu papel social, definição de tipologia de museus, métodos específicos de pesquisa, conservação, educação e organização), assim como sua relação com o meio físico. (BOLSANELLO & DE OLIVEIRA, 1994, p. 1).

Naquele contexto, a compreensão sobre os museus e a museologia estão em transformação, ampliando a sua atuação nos museus a partir da dimensão técnica para a reflexão em termos de campo de conhecimento, ou seja, ciência. Assim teóricos europeus perpassados por inúmeros movimentos de matriz latino-americana começam a traçar possíveis definições para a área, nem sempre aliados ao ICOM.

A abordagem centrada na atividade também foi expressa nas primeiras publicações de P. van Mensch. "A museologia é definida como o conjunto de teoria e prática envolvendo o cuidado e o uso da herança cultural e natural" (1983). Contrariamente às abordagens do leste europeu, neste enfoque as atividades não são vistas como aquelas executadas exclusivamente dentro do contexto de uma instituição museológica. Em outras palavras: há também uma museologia extra-museus. (BOLSANELLO & DE OLIVEIRA, 1994, p. 3).

Essa nova ótica museal implica na abertura das instituições para o diálogo mais amplo com o contexto geográfico ao qual estão inseridos, assim como com o contexto social. Tal abertura traz uma série de reflexões para profissionais de museus quanto à função e atividades realizadas no mesmo. Quanto à territorialidade, "é defendida a abertura do museu ao exterior, podendo isso significar, quer a divulgação da instituição fora de portas e em lugares tão inabitais como feiras, quer a realização de conferências ou concertos nas instalações do museu" (DUARTE, 2013, p. 4). Os museus estão mais abertos a intercâmbios culturais e de informação com o meio. Falava-se à época em Museu Integral. Como afirma a mesma autora, Alice Duarte, além do âmbito territorial, há "necessidade de fazer incluir nos discursos museológicos outras "vozes", até agora ausentes. Ou seja, vai crescendo a consciencialização da necessidade de alargar o espaço representacional do museu." (DUARTE, 2013, p. 8).

Ampliada a referência territorial do museu, as relações com a comunidade, sociedade que o circunda também fazem parte do corpo teórico e prático da Nova Museologia. Essa relação pode dar-se tanto com indivíduos até com instituições ou outras formas de organização da sociedade.

A consolidação da função social do museu pressupõe, quer o abandono do seu tradicional isolamento em relação a entidades como escolas, bibliotecas ou associações locais, com as quais importa estabelecer parcerias tendo em mente o interesse das populações, quer a redefinição da sua organização, que deixa de estar centrada nas coleções, para passar a focar-se em temáticas e histórias que façam sentido para as respetivas populações (MAIRESSE et al., 2010). Por sua vez, as

novas narrativas expositivas são cada vez mais materializadas através de objetos e muitos outros suportes expositivos. Estes tendem a resultar da crescente ativação de metodologias participativas. (DUARTE, 2013, p.113).

Logo, para que a relação com a população seja efetiva, é interessante que essa seja uma política oficial do Museu, assim como de seus funcionários. Com relação aos museólogos, estes devem conhecer o fazer museológico (SANTOS, 2001, p. 6) e suas ações, e aplicá-las em projetos para e com a população, e não restringi-los aos acervos. O autor Luis Oliveira Henriques (HENRIQUES, 1996, p. 89), ao citar Hugues de Varine, realça que nos museus essencialmente comunitários, reconhece-se o poder de criação de cada um e questiona-se o papel do museólogo nesse contexto, definindo-o como ‘agente de desenvolvimento’ que usa suas ferramentas profissionais em benefício da comunidade. Este mesmo autor, perante a Museologia Social, define que a comunicação com a sociedade está em todos processos museológicos, isso implica na participação: “participar implica conhecimento, implica equacionar soluções alternativas, implica mudança e ação criativa” (HENRIQUES, 1996, p.88).

Para Maria Célia Santos, “o fazer museológico é compreendido, então, como um processo caracterizado pela aplicação das ações de pesquisa, preservação e comunicação” (SANTOS, 2001, p. 6), sendo que a participação comunitária pode e deve estar presente em todas etapas do processo. Sendo a pesquisa baseada no patrimônio cultural, dentro da preservação, o acervo pode ser tanto institucional quanto operacional (“paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, as técnicas do saber e do saber fazer, como os artefatos, com o meio rural” (SANTOS, 2001, pp. 6-7), o banco de dados aberto à comunidade e a “conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos (SANTOS, 2001, p. 7) e a comunicação entendida como “um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo, levando-se em consideração as características dos grupos envolvidos e as diversas maneiras de estar no mundo e de se expressar” (SANTOS, 2001, p. 8).

Uma síntese das mudanças ocorridas no campo museológico dos anos 1970, até os dias de hoje, é dada por Mário Chagas:

A partir dos anos 70 do século XX, o conceito clássico de museu, que operava com as noções de edifício, coleção e público, foi confrontado com novos conceitos que, a rigor, ampliavam e problematizavam as noções citadas e operavam com as categorias de território (socialmente praticado), patrimônio (socialmente construído) e comunidade (construída por laços de pertencimento). (CHAGAS, s/ d/, p.3).

Alice Duarte traz uma reflexão daquilo que acontece no campo do conhecimento quando troca-se a certeza racional pela “percepção de que o conhecimento é sempre e inevitavelmente uma construção histórica e social” (DUARTE, 2013, p. 7), contribuindo para o entendimento de que na produção de conhecimento, a informação não está restrita a uma parcela da sociedade, abrindo assim a possibilidade para o reconhecimento e valorização da diversidade cultural, inclusive não acadêmica. No campo da Museologia, há uma ampliação do objeto, como suporte de informação e, por isso, passível de ser musealizado, preservado e comunicado, para a noção de patrimônio, podendo ser o mesmo de natureza material ou imaterial. Para isso, é necessário que os profissionais de museu se adaptem, como defende Alice Duarte:

Por outro lado, a prioridade atribuída à participação e desenvolvimento integrado das populações exige da parte dos profissionais a adoção de um renovado aparato conceptual que os auxilie a concretizar a mudança de um museu centrado nas suas coleções para outro, centrado nas suas funções sociais. A ampliação dos instrumentos conceptuais e o recurso a mecanismos como a interdisciplinaridade ou novos métodos de gestão e comunicação são a outra face das experiências inovadoras defendidas e da nova exigência do museu como instituição implicada na vida das populações. (DUARTE, 2013, p. 110).

Um grande salto na compreensão do território acontece quando ele passa a ser visto como um “ambiente educador (pode ser a escola, a aldeia, o quilombo, a zona rural, a cidade e também a Casa do Patrimônio) (OLIVEIRA, 2011, p. 29)”. Assim, amplia-se os saberes transmitidos além da diversidade dos mesmos e da forma de transmissão.

A Nova Museologia trouxe um questionamento, ainda não consolidado, quanto ao objeto de estudo dessa ciência e quanto a função dos museus. Para este ultimo,

Vários autores deixaram claro que o museu não pode ser objeto de estudo uma vez que é somente uma estrutura organizacional de referência, ou – nos termos de I. Jahn - um “produto secundário.” A analogia freqüentemente usada, é que a

pedagogia não é a ciência da escola e a medicina não é a ciência do hospital.
(BOLSANELLO & OLIVEIRA, 1994, p. 8-9)

Assim, “A Declaração do Quebec começa por estabelecer a relação entre o movimento da Nova Museologia e a Mesa Redonda de Santiago do Chile, destacando a importância da afirmação da função social do museu (DUARTE, 2013, p. 109). Quanto ao objeto de estudo, Waldisa Russio, defende este como sendo o fato social, definindo “o fato museal (museológico) a relação do homem, sujeito conhecedor, com o objeto, parte da realidade também integrada pelo homem e sobre a qual ele tem poder de agir (CARVALHO, 2011, p. 152 Apud RÚSSIO GUARNIERI, 1984, p. 51-59). Este conceito fora apropriado por Maria Célia Santos, e por ela modificado: “Definimos o fato museal como: a qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, **objetivando a construção de uma nova prática social**” (SANTOS, 2001, p.9, grifo do autor).

Mas, o que viria a ser essa Nova Museologia? Segundo a publicação Conceitos-Chave da Museologia, a Nova Museologia seria um

(...) movimento ideológico – baseado num número de precursores que, a partir de 1970, publicaram textos inovadores – enfatizou a vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo que chamou a atenção para modos de expressão e de comunicação renovados. O seu interesse estava principalmente nos novos tipos de museus concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição central que ocupavam as coleções nesses últimos: tratava-se dos ecomuseus, dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local. (DESVALLEES, MAIRESSE, 2013, p. 63)

Maria Célia Santos destaca alguns pontos que orientariam as ações da Nova Museologia. Seriam eles:

O reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos, a utilização da memória coletiva como um referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade, o incentivo à apropriação e a reapropriação do patrimônio, para que a identidade seja vivida na pluralidade e na ruptura, o desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não as coleções, socialização da função preservação, interpretação da relação entre o homem e o meio ambiente e da influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e dos grupos sociais, ação comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários, objetivando o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social. (2008, p.87)

Para o desenvolvimento de trabalhos a partir desses pressupostos, novamente museus e educação se aproximam. Uma educação de matriz progressista cuja metodologia de trabalho provinha da organização de grupos de

discussão, das vivências grupais que valorizam a experiência dos atores sociais em contextos educacionais.

2 Capítulo

2.1 Apresentação do Programa Mais Cultura nas Escolas

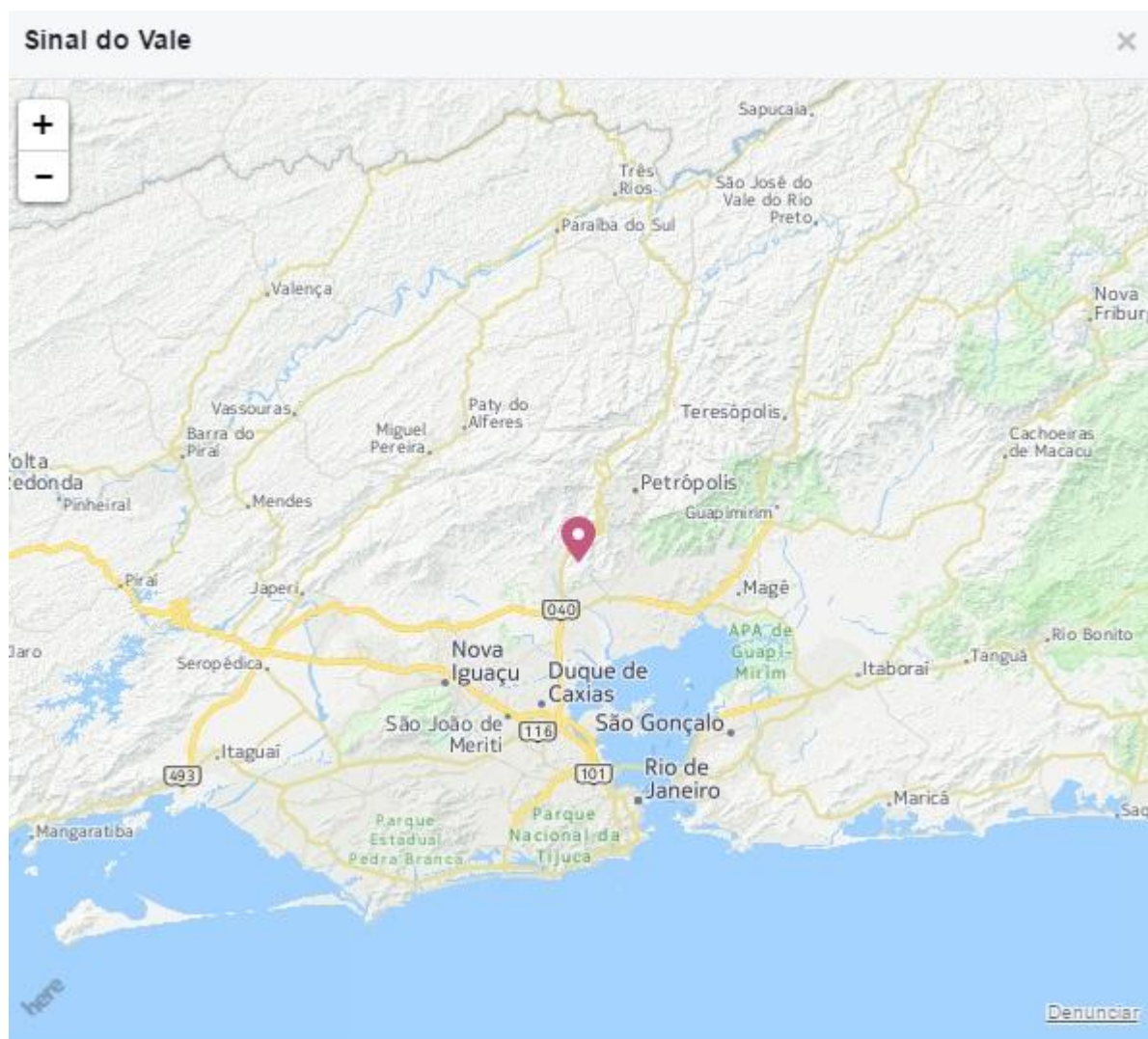
No Diário Oficial da União seção 1, nº 63, no dia 2 de Abril de 2014 é publicada a Resolução nº 4, de 31 de Março de 2014, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Nela, é criado o Programa Mais Cultura nas Escolas, visando potencializar as ações do Programa Mais Educação e Ensino Médio Inovador, promover o encontro entre parceiros culturais locais e projetos políticos pedagógicos escolares, promover e reconhecer territórios educativos, integrar equipamentos culturais com escolas públicas.

A resolução define que as escolas devem enviar um Plano de Atividade Cultural (elaborados junto com iniciativas culturais parceiras), ao sistema informatizado do MEC (SIMEC). Os planos serão selecionados pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

Os eixos para realização das atividades contemplados pelo programa são: residência artística para pesquisa e experimentação nas escolas; criação, circulação e difusão da produção artística; promoção cultural e pedagógica em espaços culturais; educação patrimonial; cultura digital e comunicação; cultura afro-brasileira; culturas indígenas; tradição oral; educação museal; formação literária e difusão da cultura

2.2 Apresentação do projeto *As Tradições Culturais da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica*

O projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, selecionado e aprovado no Programa Mais Cultura nas Escolas foi realizado no ano de 2014. A realização se deu pelo Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires e a Rede de Desenvolvimento Humano e Projeto Sinal das Crianças, no estado do Rio de Janeiro, município de Duque de Caxias, bairro Santo Antônio da Serra.



(Legenda: mapa do Rio de Janeiro indicando a localização do SINAL do Vale. Fonte: <https://www.facebook.com/sinaldovale> . Acesso em: 17/05/2016)

O Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires existe desde 1976, quando era chamado de Escola Estadual Paroquial Santo Antônio. No ano de 1988, a sua nomenclatura muda, adotando o nome utilizado até hoje. Ligado à Secretaria de Estado do Rio de Janeiro, a escola encontra-se próxima à serra de Petrópolis, em Xerém, município de Duque de Caxias. A sua localização é privilegiada, visto as riquezas naturais ainda existentes, porém ameaçadas. Consciente disso, o Projeto Político Pedagógico do CEHDP prevê ações ambientais na região. Nas instalações do colégio esta preocupação é visível: há lixeiras seletivas, hortas e jardins.

A instituição parceira para realização do projeto fora a Rede de Desenvolvimento Humano.

Fundada em 1990 com o propósito de trazer para o campo do desenvolvimento sustentável a perspectiva de desenvolvimento humano e qualidade de vida a partir da visão e da prática. A organização se posiciona como uma articuladora de pessoas e recursos para a mudança positiva. Um dos princípios que norteia a ação da REDEH é a valorização da parceria como uma estratégia de colaboração na viabilização de ações que possam ter continuidade. (PROGRAMA LEAD, 1., 2013, Duque de Caxias. Liderança e Educação na Transição para a Sustentabilidade. Duque de Caxias: Abdl/lead, 2013)

A REDEH e o Projeto SINAL das Crianças, sediado no SINAL do Vale em Santo Antônio da Serra, visa fortalecer a relação entre as crianças e o meio ambiente por meio da participação ativa no desenvolvimento sustentável da comunidade, cujos valores são Sincronicidade, Inovação e Alegria. A sede tem 200 hectares, sendo a maior parte de Mata Atlântica preservada. Há um Centro de Educação Ambiental, Sala Verde, áreas de reflorestamento, áreas de cultivo de orgânicos, bio-construções, quadra esportiva, piscina, viveiro de mudas, refeitório, equipamentos multimídia, ou seja, ótima infra-estrutura para realização do projeto, além de uma equipe multidisciplinar e voluntários do mundo todo.

O Plano de Atividade Cultural da Escola (SIMEC, 2014, Brasil, Plano de Atividade Cultura, p. I) previu eixos temáticos, dentre as opções (*Criação, Circulação e Difusão da Produção Artística, Cultura Afro-Brasileira, Cultura Digital e Comunicação, Culturas Indígenas, Educação Museal, Educação Patrimonial-patrimônio material e imaterial, memória, identidade e vínculo social, Promoção Cultural e Pedagógica em Espaços Culturais, Residência Artística para Pesquisas e Experimentações Escolares e Tradição Oral*), os dois eixos temáticos que nortearam o projeto foram *Cultura Digital e Comunicação e Educação Museal*.

A descrição do Plano de Atividade do Mais Cultura nas Escolas determina no campo da Cultura Digital:

Atividades de formação cultural e aprendizado que abranjam desde técnicas de comunicação mais tradicionais (como orais e gestuais) até as mais contemporâneas, entre as quais ambientes digitais que utilizem, preferencialmente, software livre, internet, mídias diversas- multimídia, rádio e TV comunitárias, videoclipe, vídeo arte, web arte- para democratização da produção, acesso, registro e divulgação da informação e dos conteúdos culturais (Idem)

e para Educação Museal :

Atividades para identificação, pesquisa, seleção, coleta, preservação, registro, exposição e divulgação de objetos, expressões culturais materiais e imateriais e de valorização do meio-ambiente e dos saberes da comunidade, bem como a utilização de ferramentas educacionais para interpretação e difusão do patrimônio cultural; práticas museais que possibilitam à comunidade escolar e territórios educativos

experimentarem situações de ensino/aprendizagem relacionadas à fruição da memória e à construção da cidadania cultural; museus escolares como espaços dialógicos que permitem a interdisciplinaridade de diferentes áreas do conhecimento ligadas à realidade escolar e ao seu entorno (Idem)

Alinhando ferramentas de comunicação digital e atividades museológicas, o projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica visava identificar o uso de plantas medicinais no bairro assim como tradições culturais em Santo Antônio da Serra, no município de Duque de Caxias, na baixada fluminense. O bairro existe há mais de 70 anos e ainda hoje o local apresenta uma biodiversidade de fauna e flora, pela proximidade dos 20 mil hectares do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, além de riquezas hídricas e culturais.

Para desenvolvimento das pesquisas e estímulo ao protagonismo socioambiental, a metodologia escolhida baseou-se em 3 etapas: sendo a primeira de identificação dos recursos locais e portadores de saberes, a segunda etapa foi a elaboração de perguntas e questionários por alunos e professores e a terceira consistiu na construção coletiva e colaborativa de um blog e uma rádio novela que apresentassem as informações levantadas na pesquisa.

Em todas as etapas, buscou-se o desenvolvimento da consciência sobre as relações, entre as pessoas de diferentes idades e papéis sociais, entre pessoas e plantas ou animais, pessoas e saberes, pessoas e memórias. No projeto o item “Como a comunidade escolar (pais, alunos, professores e funcionários da escola) será integrada ao projeto”, previa tais valores:

1) Crianças: desenvolvimento da afetividade pela terra, animais, plantas, com os adultos e outras crianças, fortalecimento de sua autoestima a partir do reconhecimento de seu espaço natural e de suas propostas; fortalecimento de sua identidade, resgatando e valorizando suas capacidades; aprimoramento de suas capacidade de raciocínio e interpretação de textos; aumento da capacidade de iniciativa, criativa e de arte; melhoramento no aprendizado formal por meio da terra, onde se pode promover aprendizagens de matemática, linguagem, biologia, entre outros; estímulo do crescimento físico de forma saudável; desenvolvimento dos seguintes valores: respeito e amor pela vida e natureza, a verdade para com eles mesmos e com os outros, a tolerância, solidariedade, equidade e responsabilidade; e o estímulo a geração de recursos locais e externos em favor das crianças. 2) Adultos: criação de um espaço onde os adultos apoiem as crianças de maneira concreta e construtiva e motivação de idosos a participarem da criação de um mundo melhor com as crianças, passando-as os modos de vida e hábitos antigos (Proposta ao Programa Mais Cultura nas Escolas apresentada em 2013 pelo Colégio Hervalina Diniz Pires).

O programa estimava a participação de 2.964 pessoas ao todo, sendo 1.500 pessoas da comunidade, 1.000 familiares, 34 professores e 430 estudantes. Seu orçamento total foi da ordem de 21 mil reais (no total de um ano, dividido em duas parcelas iguais), previstos para aquisição de materiais de consumo, contratação de serviços diversos, locação de instrumentos, transporte e equipamentos, aquisição de materiais permanentes e equipamentos. Os produtos finais previstos eram uma página na internet, produção de um programa de rádio e uma exposição de fotos.

Para execução do projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica a Rede de Desenvolvimento Humano teve como apoio o Sinal das Crianças, do Sinal do Vale também ligado à Rede de Desenvolvimento Humano. Na equipe constavam um administrador (Felipe Nascimento Poli), uma pedagoga (Amanda Garcia), uma psicóloga, coordenadora do projeto (Elisa Bulat), uma assistente de aulas (Solange Reis), a presidente da ONG (Thaís Corral), um cozinheiro (Vicente Esteves), uma fotógrafa (Caroline Carvalho) e participações pontuais de outros membros da equipe e voluntários do Sinal do Vale. Como se pode observar, o projeto contou com uma equipe multidisciplinar. Felipe Poli promoveu as orientações relativas ao orçamento, documentação e geração de informação quantitativa e qualitativa, Amanda Garcia atuou no planejamento e execução dos encontros, a psicóloga fazia o acompanhamento das particularidades de algumas crianças e no tratamento para com as mesmas e nas relações com outros professores dentro do colégio (uma vez que também é professora do Hervalina), Solange Reis (nascida em Santo Antônio) já havia trabalhado na parceria entre o colégio e o Sinal do Vale no programa Criança Esperança e nos ajudou muito por conhecer as crianças, suas famílias, a escola e as atividades do sítio, Thaís Corral forneceu pesquisas etnobotânicas geradas pelo Jardim Botânico, além de muitas outras fontes de informação e estruturas para realização das atividades, o cozinheiro Vicente, morador do bairro, sempre pontual e caprichoso ao oferecer alimentos saudáveis e locais a toda equipe, os registros fotográficos e documentais feitos por Caroline trouxeram visibilidade, impacto e aumento no alcance das atividades, Elisa Bulat garantia a comunicação entre os agentes envolvidos, o cumprimento de todas as etapas do projeto, documentação a cada encontro, avaliação ao fim do projeto, acompanhamento de orçamento, atividades com os

alunos e associação de moradores. Outros membros da equipe do Sinal do Vale, pais, moradores do bairro, presidente e associados da Associação dos Moradores de Santo Antônio da Serra enriqueceram com informações pedagógicas, culturais, saberes relacionados à terra e à região, assim como na coleta de informações e acervo.

Pode-se estabelecer uma relação do projeto com o campo museológico, uma vez que

A ampliação do conceito de patrimônio está relacionada, também, à criação de novas categorias de museus, como ecomuseu, museu comunitário, museu de vizinhança, etc. Essas novas categorias de museus, abertas a uma população e a um território, contribuíram, também, para que as ações museológicas possam ser processadas fora do espaço restrito do museu, abrindo assim amplas possibilidades para a realização de novos processos de musealização (SANTOS, 2001, p. 6).

A mesma autora, Maria Célia T. Moura Santos, ainda no texto *Museu e Educação: conceitos e métodos* define as ações museológicas, ou o fazer museológico, como o processo de ações de pesquisa (coleta, classificação e registro), preservação e comunicação. Sendo assim pode-se perceber, por exemplo, na primeira etapa do projeto (que visa a identificação dos portadores de saberes sobre tradições locais e uso de plantas medicinais no bairro) como uma ação de pesquisa. Assim como a segunda etapa, na qual cria-se um instrumento de pesquisa (o questionário) e realiza-se entrevistas com portadores de saberes. Já a terceira etapa, a criação de uma página na internet e elaboração de um programa de rádio, podem ser consideradas ações que visam a preservação e comunicação do que foi pesquisado. Considerando que “é importante ressaltar que as ações museológicas de *pesquisa, preservação e comunicação* estão interligadas entre si” (SANTOS, 2001, p. 8).

A primeira fase, ou etapa, do projeto As Tradições da Mata Atlântica em Mídia Eletrônica e Radiofônica, teve 3 encontros (nos dias 10, 17 e 24 de Setembro de 2014), iniciando o projeto tardiamente, pois a verba destinada a sua realização fora liberada com atraso.

O primeiro encontro durou cerca de 1 hora e 30 minutos. Ocorreu no pátio do colégio com os estudantes do 6º ano com a mesma metodologia tanto para a turma vespertina quanto matutina (assim aconteceu durante quase todo o projeto). Fazendo uso de recursos poéticos, para apresentação dos alunos e mediadores,

cada um recebeu um papel, no qual se escreveu o seu nome e no verso um desenho livre que fizesse alguma referência à sua personalidade ou a sua história, já trabalhando uma aproximação com o universo simbólico, a conexão entre o tangível e o intangível. Após esta dinâmica, fizemos uma

Atividade lúdico-pedagógica: ainda em roda, repassamos o chapéu, que agora continha palavras (como Brasil, Música, Culinária, Agricultura, Gerações, Santo Antônio, Adaptação, Literatura, Saberes, Mestres), cada criança pegava uma e passava o chapéu. As palavras serviam de instrumento à introdução do tema Cultura. Então a pessoa que tivesse o chapéu na cabeça lia a sua palavra e a turma toda discutia a palavra perante as provocações e questionamentos do educador. Todos fechavam os olhos e uma nova pessoa era escolhida para receber o chapéu e o seu poder de fala (BULAT, Relatório Mais Cultura nas Escolas Colégio Hervalina Diniz parceria com o SINAL do Vale, Rio de Janeiro, 2014)



Primeiro encontro com o 6º ano. Autor da foto: Solange Reis. Duque de Caxias, 2014)

O uso das tiras de papel contendo as palavras, como recurso pedagógico, tinha a finalidade de incitar discussões acerca dos temas e estabelecer a relação que todas elas tinham com o patrimônio cultural, tanto nacional como regional, contidos nas próprias crianças. Ainda sobre a ótica de Maria Célia Santos, “o patrimônio cultural é compreendido como a relação do homem com o meio, ou seja, o real, na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural, em suas dimensões de tempo e espaço” (SANTOS, 2001, p. 6).

A partir da brincadeira de tirar as palavras do chapéu, os alunos davam exemplos ou contavam histórias relacionadas às palavras, uma metodologia inclusiva que pretendia evidenciar a participação de cada indivíduo na construção e reconstrução histórica e cultural nacional e local. Além disso, as palavras escolhidas contemplavam diferentes aspectos da vida humana, nos quais estão presentes a cultura de cada grupo, apresentando uma diversidade cultural, diferentes formas de ver e se relacionar com o mundo.

Além de uma ação de pesquisa, que

Tem como objetivo a construção do conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural, ou seja, observação, análise e interpretação da realidade, qualificada como patrimônio cultural. Esse conhecimento é construído na ação museal e para a ação museal, em interação com os diversos grupos envolvidos. Não se trata, da pesquisa que se esgota na meta descrição e análise de objetos. A pesquisa alimenta todas as ações museológicas, em processo. (SANTOS, 2001, p. 6)

Este encontro teve um caráter também de preservação, uma vez que

É consenso na área que a educação patrimonial é peça fundamental para a preservação do patrimônio, na medida em que só se preserva o que se conhece. Sob este ponto de vista, quanto mais uma comunidade conhecer e se apropriar de sua história e de seus bens culturais, mais ela será agente da preservação e conservação desses bens (sejam eles materiais – edificações, paisagens, objetos, etc. - ou imateriais – tradições, festas, modos de fazer etc.) (OLIVEIRA, Brasília, 2011, p. 3)

O segundo encontro da primeira etapa, aconteceu no SINAL do Vale, no qual fora desenvolvido um cartaz, contendo desenhos e palavras relacionados as expressões culturais conhecidas pelos alunos tanto locais, quanto nacionais e internacionais. Um exercício de fixação do tema Cultura e Expressões Culturais, caracterizando assim uma ação de pesquisa, preservação e comunicação.

Como afirma Maria Célia Santos, “a *comunicação não* está restrita ao processo de montagem das exposições” (SANTOS, 2001, p. 8). A autora afirma que

Na ação museológica aqui proposta, a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, de afetividade, de criatividade e de reflexão, que dá origem ao conhecimento que está sendo exposto e a uma ação dialógica de reflexão, estabelecida no processo que antecedeu a exposição e durante a montagem, além de ser ponto de partida para outra ação de comunicação. (Idem)



(Autor: Elisa Bulat. Segundo encontro com o 6º ano. Duque de Caxias. 17/09/2014)

Além do feitio dos cartazes, neste encontro falou-se especificamente dos saberes relacionados ao uso de plantas medicinais. Para fomentar a discussão, foram usadas informações do documento **Primeira Pesquisa das Plantas Medicinais como Recurso em Santo Antônio, uma Comunidade do Entorno da Reserva Biológica da Mata Atlântica afora do Rio de Janeiro, RJ, Brasil**, fruto de uma pesquisa etnobotânica realizada pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no qual não consta data. No mesmo há informações quanto ao nome popular e científico das plantas, partes do vegetal utilizadas, método de preparação, usos, contra indicações e o nome do portador de tal saber.

Partindo do Decreto nº 3.551, de Agosto de 2.000, no qual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, cujo instrumento conta com livros de registros, dentre os quais há o Livro de Registro dos Saberes, para conhecimentos e formas de saber.

Produzido pelo IPHAN, o Manual de Aplicação Mais Educação, define saberes:

São formas próprias de produzir algum bem ou realizar algum serviço, como a receita de uma comida, ou uma técnica especial utilizada para tocar ou produzir um instrumento musical. Podem ter sentidos práticos ou rituais, sendo que, às vezes, reúnem as duas dimensões. É o caso das práticas relacionadas à cura, presentes nas benzeduras ou pajelanças. (BRASIL, IPHAN, 2013, p. 36).

Ao final do encontro fora entregue a cada estudante um saco de papel. O objetivo era que cada criança coletasse com o auxílio de seus familiares partes de

plantas medicinais usadas pela família presentes no raio de suas residências. Também como instrumento de pesquisa, os alunos saíram com um questionário (ANEXO I), a ser aplicado ao/a agente do Saber, neste constavam perguntas sobre o bairro: história, pratos típicos, músicas e bandas, plantas cultivadas, festas e datas comemorativas, autores e autoras e plantas medicinais.

Este recurso didático visava fortalecer o espírito pesquisador das crianças, instigando sua curiosidade e abrindo portas dialógicas para com os mais velhos, visando conhecê-los, valorizá-los e ampliar as fontes de informação para as crianças.

O terceiro encontro, realizado em 24 de Setembro, aconteceu no Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires. Nele, os estudantes compartilharam os processos e resultados de sua “pesquisa de campo”, compartilhando experiências e promovendo discussões sobre a cultura local e uso das plantas medicinais, percebendo compatibilidades e divergências de informações coletadas.

Maria Célia Santos, relaciona a diversidade de perspectivas com relação ao patrimônio cultural e com o campo museal:

As ações museológicas deverão ter foco na nossa identidade como sujeitos singulares e múltiplos cidadãos, brasileiros, sul-americanos, cidadãos do mundo. Deverão ser abertas possibilidades de leituras múltiplas do mundo, de tal forma que o conhecimento faça parte de nossas vidas, de nossa cultura, de nossa identidade, e que não seja somente o conhecimento legitimado por outros grupos. (SANTOS, 2001, p. 9)

Após a coleta de acervo e aplicação dos questionários realizada pelos alunos, comparamos e discutimos os resultados, logo percebemos no bairro de Santo Antônio forte presença do uso de Macaé, Picão, Goiabeira, Boldo, Aroeira e Jaborandi, como recursos medicinais, e com relação às expressões culturais a Festa Junina, Carnaval, Folia de Reis locais.

Com relação a tais saberes e celebrações, infelizmente por conta do curto prazo para realização das pesquisas não encontramos membros do cortejo da Folia de Reis, assim como os músicos, por exemplo, das festas juninas tradicionais e das marchinhas de carnaval. Encontramos pistas: de que as vestimentas, instrumentos e aparatos utilizados na folia de reis possivelmente estão na paróquia do bairro. Alguns moradores afirmam que 3 anos antes da pesquisa houve a última Folia de

Reis, que já vinha perdendo força por conta do aumento do número de adeptos a religião evangélica e conversão de mestres católicos. Sendo assim, poucas crianças viram ou lembram da Folia de Reis, porém é quase unânime o seu conhecimento por adultos e idosos do bairro. Sendo assim, consideramos os Mestres dos Saberes, os cidadãos mais antigos do bairro, bem como as pesquisas apontaram serem eles, os mais velhos, por conta de suas experiências cotidianas e acumuladas, os principais detentores de saberes culturais locais.

No guia de perguntas aplicado pelos alunos (ANEXO I), havia um item destinado a história do bairro. Este forneceu informações, principalmente, quanto às mudanças nas paisagens naturais, urbanísticas e climáticas ocorridas ali. Muitos disseram que nos últimos anos percebe-se o aumento da temperatura, diminuição de chuvas, poluição do Rio Santo Antônio- (que passar no meio do bairro) aonde cerca de 20 anos atrás, pescava-se e nadava-se-, aumento na quantidade de casas (principalmente às margens do rio), a pavimentação das principais ruas, diminuição na quantidade e variedade de espécies de fauna e flora, diminuição da quantidade de água nos diversos rios e córregos do bairro.

O resultado da relação do homem com o meio ambiente é denominada Paisagem Cultural. No caso de Santo Antônio da Serra, a paisagem é uma mescla de um cenário natural com aspectos urbanos, hoje em desarmonia uma vez que a urbanização contribuiu para a contaminação das águas do rio Santo Antonio.

A etapa seguinte incorpora os alunos do 7º ano com a apresentação das pesquisas e materiais desenvolvidos pelos alunos do 6º ano. Nessa segunda etapa além de elaboração de questionários e entrevistas no bairro, foram realizadas atividades artísticas com o objetivo de registrar informações coletadas e estimular sua apropriação e ressignificação por parte dos alunos, por meio da criatividade e diversidade dos meios de expressão. Mário Chagas reitera que “ para além da educação patrimonial, interessa ver a educação como prática social aberta a criação e ao novo, à eclosão de valores que podem nos habilitar para a alegria e a emoção de lidar com as diferenças” (CHAGAS, s/ d/ pg 145)

No primeiro encontro os alunos do 6º ano- com o auxílio dos cartazes sobre o tema cultura e um portfólio das plantas medicinais coletadas na pesquisa, apresentaram ao 7º ano o material pesquisado, discutido e construído sobre a

história de Santo Antônio, suas tradições culturais e o uso de medicinais. Em grupos, mesclando as duas turmas, os alunos criaram e apresentaram músicas e peças teatrais com os temas. As apresentações foram gravadas.

Esta estratégia de incorporação dos 7ºs anos no projeto visou estimular o protagonismo nas crianças e criar uma oportunidade para que elas narrassem por elas mesmas o que estavam aprendendo além de ser uma boa técnica para fixação e apropriação dos conteúdos. Neste processo de tradução dos alunos do 6º para o 7º ano, por conta de sua proximidade cognitiva e cultural, a linguagem utilizada pelos mesmos torna o conteúdo da pesquisa mais leve e mais próximo do universo das crianças recém chegadas. Já no ano de 1996, encontramos em Cadernos de Museologia, número 5, por Luiz Oliveira Henriques leva em consideração que “As ações educativas deverão ser pensadas em função do destinatário, sendo certo que sua eficácia será tanto maior, quanto a participação, facultado aos intervenientes.” (HENRIQUES, 1996, p. 91/92).

Para o encontro seguinte, utilizamos o laboratório de informática do colégio. A necessidade de mais informações sobre as festas e saberes relacionados a plantas medicinais para elaboração de questões a cerca dos mesmos, nos incentivou a aprofundar o que havia sido coletado, enquanto informação, na primeira etapa do projeto.

Compilados e compartilhados os dados coletados na internet, os alunos foram divididos em 3 grupos e instigados a construir perguntas (com auxílio das mediadoras Elisa, Solange e Amanda) que comporiam os questionário, um sobre as plantas medicinais e outro sobre as tradições culturais no bairro (ANEXOS II e III) . Como as perguntas influenciariam nas respostas, que influenciariam no entendimento do processo de compreensão da cultura local e na tradução da mesma nos produtos finais (páginas na internet e programa de rádio), houve pesquisas paralelas pelas mediadoras para auxiliar no desenvolvimento dos questionários.

Foram elaborados dois questionários, como instrumento de pesquisa (anexos II e III): um sobre a história do bairro e suas tradições culturais e outro sobre as plantas medicinais. As questões buscavam inter-relacionar os campos que compõem a trama cultural de uma região, discutidos desde o primeiro encontro. Por

exemplo: como a nossa pesquisa havia nos mostrado que a festa junina é uma celebração anual tradicional no bairro, elaboramos perguntas sobre músicas, pratos e danças presentes e característicos da mesma. Assim fizemos também com a Folia de Reis, Carnaval e as plantas medicinais. Era interessante perceber que o processo investigativo do projeto deixava os alunos entusiasmados pois, ele participaram ativamente de todas as etapas da pesquisa desde o feitiço a pesquisa e elaboração dos questionários, colocando as suas próprias questões. A próxima ação seria aplicar os questionários. Estavam curiosos, com sede de conhecimento. Bem lembra Luiz Oliveira Henriques que “todo o processo educativo se baseia num sentimento humano, seja ele mera preocupação, empatia ou, mesmo, amor” (HENRIQUES, 1996, p. 90)

Para que as entrevistas atendessem a demanda de compreender as tradições culturais de Santo Antonio e o uso de plantas medicinais, precisávamos de um grupo de mestres, de pessoas com experiência de vida no bairro, pessoas que carregam em si o legado cultural local. Procuramos a Associação Beneficente de Moradores de Santo Antônio da Serra, onde nos informaram quanto um quadro de depressão na terceira idade. Preocupados, os membros da Associação criaram um Grupo da Melhor Idade, o qual gerava uma série de benefícios a este grupo, dentre eles exames médicos a custo reduzido e ginástica na praça 4 vezes por semana, além de caminhadas e outras atividades. Era um grupo coeso, que já estava em processo de reconhecimento do valor de si e elevação da auto estima. Já em processo de valorização, o encontro do Grupo da Melhor Idade com os estudantes do 6º e 7º anos participantes do projeto no qual a pesquisa

(...)como processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo (SANTOS, 2001, p. 8).

A motivação para o encontro foi a busca pelas raízes culturais do contexto social e familiar dos alunos. A busca por pessoas que soubessem dos processos que construíram os cenários (naturais, arquitetônicos, de relação com a natureza e o corpo) existentes até hoje. O que conectava os grupos, em fases tão distintas, era a própria relação com o tempo passado e o tempo presente, moldados pela forma de ser, pensar e agir, compreendendo que:

O patrimônio cultural é um conjunto de bens culturais que estão muito presentes na história do grupo, que foram transmitidos entre várias gerações. Ou seja, são os bens culturais que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São os bens que se quer transmitir às próximas gerações. (BRASIL, IPHAN, 2013, p. 5).

Na Associação Beneficente de Moradores de Santo Antonio da Serra, primeiro chegaram os alunos. Aos poucos os mestres chegaram. Os primeiros foram entrevistados por todos os estudantes, coletivamente. A medida que mais mestres estavam presentes, foram formados grupos de alunos, acompanhados por mediadores. Todos os estudantes tinham nas mãos os questionários, cada um lia uma pergunta e assim se deu a entrevista. Algumas perguntas geravam muitas outras, pois os estudantes se surpreendiam com as histórias, curiosos, queriam compreender os processos de transformação locais. Ao final os questionários respondidos foram recolhidos, para documentação, análise e para servirem de base de informação para a próxima etapa.



(Autor: Caroline Carvalho. Encontro/ entrevista com a Associação Beneficente de Moradores de Santo Antonio. Duque de Caxias. 15/10/2014)

Além do grupo da terceira idade, também participaram da entrevista funcionários, pais de alunos e comerciantes das proximidades do colégio, funcionários do posto de saúde. Perceber o ambiente de aprendizagem para além

das salas de aula, tendo em cada cidadão o acesso para compreensão do presente, ressignificando a relação dos mais jovens com os mais experientes e com o local onde vivem.

Para finalização do segundo ciclo, no SINAL do Vale, alinhados à equipe de reflorestamento do sítio, foi realizado o plantio de sementes de árvores medicinais nativas utilizadas em Santo Antonio e levantadas nas pesquisas. Este ato poético contou com a narrativa da história de uma semente, que estava totalmente conectada com o passado, presente e futuro, e que em sua trajetória de vida, a cada dia seu crescimento transformava mais a paisagem, reverberando nas plantas vizinhas, animais, água e solo que estavam por perto. Fazendo assim uma analogia da relação das crianças com os saberes observados, pesquisados e apropriados.

A terceira etapa começa com a incorporação das turmas de 8º e 9º anos, matutinos e vespertinos. Neste momento, as metas para finalização do projeto eram a compilação das produções em produtos finais, definidos como: criação de um blog, uma página no Facebook e elaboração de uma rádio novela- adaptando o conteúdo do projeto oficial ao interesse dos alunos. Para feio dos mesmos, nos encontros tínhamos dois grupos de trabalho: um para trabalhar as páginas de internet e outro para a rádio novela.

Para o primeiro encontro, um grupo explorou o tema “meios de comunicação” e os propósitos da criação do blog. Ao final, foram elaborados textos. Enquanto isso, a equipe da rádio novela, por meio de uma dinâmica de grupo, criam os personagens e cenário da rádio novela: Santo Antonio da Serra, durante a festa junina do ano de 1959. Pesquisamos o contexto social e político da época para escrita do enredo.

O segundo encontro destinou-se à escrita dos textos de apresentação e objetivos do blog, assim como a criação do mesmo. Uma oficina de conscientização sonora, seguida pela construção do cenário sonoro aplicado ao recorte temporal e especial da rádio novela. A narrativa do primeiro capítulo começa com o aparente roubo de sacas de milho plantas e colhidas por Sr Djalma (este nome fora sugerido por uma aluna, pois assim se chamava seu bisavô, que nasceu e morou em Santo Antonio da Serra. No grupo de alunos este era o morador mais antigo que tínhamos). A colheita havia sido feita para a festa junina (tradicionalmente a festa

junina era festa de colheita. A escolha do milho se deu pela maciça presença de pratos culinários feitos a partir do cereal). Segue a busca pelas sacas de milho, até chegar na ocasião da festa. Enquanto acontece a famosa quadrilha da festa junina, chegam dois policiais que querem acabar com a festa, marcando o contexto de ditadura militar. Uma senhora, Maria (esposa do Sr Djalma) pede aos policiais que deixem a festa acontecer e lhes convida para comer uma pamonha e um bolo de milho. Neste momento acaba o mistério das sacas de milho, pois a senhora havia pegados as mesmas para fazer os pratos da festa. Assim acaba-se a tensão e a festa segue, acabando o primeiro capítulo da rádio novela.

O terceiro encontro para a equipe da rádio novela trabalho a expressão e personalidade de cada personagem e possibilidades para composição do cenário sonoro. A equipe do Blog e Facebook pesquisaram notícias do bairro e das tradições pesquisadas, tiraram fotos da cidade e do colégio, atualizando as páginas da internet.

O quarto encontro, ocorrido no colégio, contou com a divisão dos grupos. A equipe da rádio novela criou o enredo, personagens e cenários do segundo capítulo da rádio novela. A equipe do blog desenvolveu cartazes com as notícias, com a divulgação do projeto e a divulgação do blog dos alunos; os cartazes foram colados no colégio.



(Autor desconhecido. Alunas do projeto desenhando plantas medicinais usado no bairro de Santo Antonio da Serra. Duque de Caxias. 13/11/2014)

No quinto encontro, a equipe do blog realizou uma atividade utilizando os 5 sentidos para se relacionarem com as plantas medicinais tradicionais do bairro. Após esta experiência multi sensorial, os alunos fizeram cartazes com desenhos das plantas medicinais. Todo o processo fora fotografado e documentado pelos alunos, o material foi para o blog. A equipe da rádio novela fez uma trilha no SINAL do Vale observando as sonoridades e gravou o primeiro capítulo da rádio novela.

O sexto encontro fora uma saída de campo com todos os estudantes participantes em mais de 70% do projeto. Visitou-se o Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

(...) a visita começou na Coleção de Plantas Medicinais do Jardim Botânico. Primeiramente fizemos uma caminhada pelos jardins (de beleza, de cura e ritualístico) de plantas medicinais acompanhados pelo monitor da instituição. Em seguida fizemos experimentos com a Aloe Vera para conhecermos seus poderes curativos e os procedimentos para extrair a medicina, conservá-la e usá-la. (BULAT, 2014, Relatório Técnico 5º encontro da terceira etapa de Execução do Programa Mais Cultura nas Escolas Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires e SINAL do Vale).

Esta visita, planejada desde o início do projeto, era considerada fundamental. Uma equipe de botânicos recebeu a turma e, juntamente com a visita aos jardins, trazia informações relacionadas a história das plantas, sua importância e participação na vida das pessoas e informações científicas sobre as mesmas. A visita, acompanhada das perspectivas históricas, etnobotânicas e científicas, trazia coesão e coerência às pesquisas e atividades feitas no projeto até então.

Este foi o encontro com maior participação dos estudantes. Eles valorizam muito saídas de campo. Por estarem inseridos em um contexto sócio econômico desprivilegiado, muitos nunca havia ido ao Rio de Janeiro. O passeio foi totalmente custeado pelo projeto (ônibus e alimentação), e a entrada no Jardim Botânico gratuita por se tratar de um colégio público.

No sexto encontro fora gravado o segundo capítulo da rádio novela, por uma equipe, enquanto a outra fez bombas orgânicas de sementes. Para celebração de realização do projeto e participação de todos, os estudantes brincaram na piscina, jogaram futebol e lancharam no sítio. Alunos e monitores se emocionaram ao falar do projeto.

Como em todos os encontros, fizemos uma roda de despedida na qual cada pessoa pode dizer o que sentiu, aprendeu, gostou, não gostou, um espaço para manifestação livre. As monitoras manifestaram profunda satisfação com o rendimento, comprometimento, respeito e pontualidade dos alunos. Os alunos manifestaram sentir-se bem e aprendizado profundo durante as aulas. (BULAT, 2014, Relatório Técnico 6º encontro da terceira etapa de Execução do Programa Mais Cultura nas Escolas Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires e SINAL do Vale).

A pedido da diretora do colégio, Maria Penido, fizemos no dia 13 de Dezembro de 2014 uma exposição no colégio para apresentação das pesquisas para outros estudantes, funcionários do colégio, pais e membros da Associação Beneficentes de Moradores de Santo Antonio da Serra.

A exposição fora montada pelos estudantes participantes do projeto com o material pesquisado e produzido por eles mesmos. A mostra dividiu-se em três módulos: 1) o que é cultura 2) expressões culturais de Santo Antônio da Serra e 3) Como é Santo Antonio hoje e como queremos Santo Antonio no futuro, ainda na exposição porém fora dos módulos havia um cartaz de divulgação dos 2 capítulos da rádio novela. Além da mostra dos processos e produtos de pesquisa, no evento fora exibido o primeiro capítulo da rádio novela.

O primeiro módulo contou com as palavras trabalhadas desde o primeiro ao último encontro do projeto: Brasil, Santo Antonio, Dança, Música, Culinária, Saberes, Mestres, Agricultura, Adaptação, Literatura, Gerações, Comunicação, Festas e Plantas Medicinais. Neste módulo também constou um cartaz feito durante do projeto sobre o quê é cultura.



(Autor: Elisa Bulat. Exposição do projeto As Tradições da Mata Atlântica em Mídia Eletrônica e Radiofônica. Duque de Caxias.13/12/2014).

O segundo módulo inicia com um mapa simplificado da avenida principal de Santo Antônio da Serra, nele haviam perguntas sobre as expressões culturais levantadas nas pesquisas, tais como: “quem é o Santo Antônio?”, “E São Pedro?”, “E São João?”, “Que plantas tratam dor de barriga?”, “O quê vemos na Festa Junina?”, “Quando acontece a Folia de Reis?” E outras expressões como “Cultura é...”, “Santo Antônio tem...”, e outras. Ainda no módulo Expressões Culturais de Santo Antonio da Serra, estava a mostra uma espécie de manifesto do alunos de 8º e 9º anos quanto a limpeza e manutenção do bairro e divulgação do blog para tal. Finalizando o módulo 2, havia cartazes de desenhos das plantas medicinais.

O terceiro módulo começa com a pergunta: “Como está o bairro hoje?” seguido das respostas elaboradas pelos próprios estudantes, nelas menciona-se a questão da poluição (ambiental, sonora e visual) e de comportamento e relação entre moradores. A finalização se dá com o cartaz “Como queremos Santo Antônio no Futuro”, no qual são indicadas soluções ecológicas para o bairro.

Desde a entrega de autorização para participação do Mais Cultura nas Escolas até o último encontro, tudo fora documentado: o numero de alunos que tiveram acesso, o número de alunos que participou de fato, a lista de presença de

cada encontro, registros fotográficos e áudio visuais foram realizados, os resultados das pesquisas, os pedidos e retiradas de materiais. Havia a necessidade de documentar os processos pois as atividades era monitoradas tanto pela equipe do SINAL do Vale, quanto pela coordenação do Colégio Hervalina Diniz Pires e também pela fiscalização do Mais Cultura nas Escolas, que no caso contou com uma pasta contendo todo material produzido.

Para realização do projeto, no primeiro semestre de 2014, foram realizados 18 encontros, destes 3 com os alunos de 6º ano para a primeira etapa (de levantamento de recursos locais), 6 encontros para a segunda etapa (elaboração coletiva de questionários e entrevistas com os mais antigos do bairro) com alunos de 6º e 7º anos e 9 encontros com os 8º e 9º anos para realização da terceira etapa (oficinas de criação de um blog e rádio novela com as pesquisas realizadas) do projeto.

A quantidade de alunos do Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires de 6º, 7º, 8º e 9º anos que tiveram acesso ao programa totaliza 253. Destes, apenas 20%, ou seja 52 alunos, trouxeram de casa a autorização e ficha cadastral assinadas por pais ou responsáveis. E 27,5%, 70 estudantes, participaram do projeto pois as aulas realizadas no Colégio dispensam autorizações.

Estes dados apontam uma aparente falha na comunicação colégio-alunos na divulgação do projeto ou recolhimento de autorizações, que permitem a saída de alunos do colégio para realização de atividades. Ao mesmo tempo, temos uma postura flexível na realização do projeto, uma vez que nem todos os alunos que participam estão autorizados e nem todos os autorizados participaram efetivamente do programa. Ressaltando assim pontos a serem melhorados no segundo semestre de realização do projeto, em 2015.

O total de encontros realizados no colégio foi de 7, tendo uma média total de 15 alunos por aula, uma média de 18 alunos na 1ª e 2ª etapas e de 11 alunos por aula na 3ª etapa do programa, indicando a expressiva participação dos primeiros anos do ensino fundamental, 6º e 7º anos enquanto os 8º e 9º anos, na terceira etapa, apresentam uma notável constância: 71% tiveram no mínimo 5 presenças, no total de 7.

Das 9 aulas realizadas no Sinal do Vale, a presença média total foi de 12 alunos. A média da 1ª e 2ª etapas também de 12 por aula e da 3ª etapa de 11 por aula. Uma quantidade maior de aulas aconteceram no sítio pois percebemos no decorrer do programa que neste espaço os alunos normalmente estavam mais calmos e mais abertos aos fluxos de informação, tornando as aulas mais agradáveis e com melhor rendimento, além de contarmos com um espaço amplo para as atividades. No colégio, apreciamos as salas de informática e maior quantidade de alunos.

Além destes o encontro na Associação Beneficente de Moradores de Santo Antônio da Serra para entrevista ao grupo da 3ª idade, contou com 25 estudantes, e a visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com 34 estudantes, para conhecer uma visão científica das plantas medicinais. As saídas de campo têm uma média total de 30 alunos, a quantidade mais expressiva em todo o projeto. Levantamos a hipótese de que os encontros em lugares novos despertam o interesse dos alunos e a possível relevância na presença de transporte para ir ao Jardim Botânico.

No ano de 2015 fora realizado o 2º semestre do projeto. Elisa Bulat saiu por licença maternidade, Amanda Garcia, que estava como voluntária, retornou à São Paulo. Na página do facebook do SINAL das Crianças pode-se acompanhar o andamento do projeto, além de outras ações realizadas pela equipe do SINAL do Vale.

Considerações Finais

Incontáveis vezes fui a exposições, em diferentes instituições do Brasil, e me perguntei a quem se destinava a exposição, os textos, a conservação e comunicação daquele acervo, a quem se destinava o trabalho dos museólogos e conservadores, historiadores e outros agentes envolvidos na instituição.

Neste trabalho, muitas vezes foram utilizadas expressões como: papel social do museu, trabalho para a comunidade, trabalho com a comunidade. Mas a qual comunidade nos referimos? Comunidades já pré-estabelecidas? Comunidades a serem construídas? No projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, o público alvo era escolar, mais precisamente, de alunos do ensino fundamental e médio diretamente, e seus familiares e outros moradores de Santo Antônio da Serra, indiretamente. Assim, as atividades desenvolvidas foram pensadas para estes públicos, adaptando as linguagens e os métodos para acesso dos mesmos. Mesmo antes do início do projeto já havia desafios neste sentido, pois em conversas informais com os alunos descobrimos que muitos de seus pais não eram alfabetizados, cabendo à rádio novela, com sua linguagem sonora, realizar a comunicação dos processos e resultados do projeto.

Acredito que os eixos de pesquisa, tradições locais e uso de plantas medicinais, permitiram uma aproximação entre as gerações, assim como das novas gerações com a flora local (seja ela nativa ou exótica). Assim, os encontros, pesquisas e descobertas apresentavam alguns resultados imediatos (deseja-se que a longo prazo também). E ainda hoje, vou a exposições de acervo de arte, ciência, história, nas quais não encontro outra função senão mais informação mental.

Os museus tradicionais, com todo o seu apreço por seus acervos, guardam histórias e ideologias. As suas ações de preservação, pesquisa e comunicação, tem custo elevado, e frequentemente não consigo identificar a quem se destinam ou mesmo qual a sua finalidade para com a sociedade.

O projeto As Tradições da Mata Atlântica na Mídia Eletrônica e Radiofônica, que fez parte da primeira seleção do Programa Mais Cultura nas Escolas, não apresentou indicadores definidos previamente para sua avaliação. Para realização da mesma, foram analisados dados numéricos com relação à presença de alunos no

projeto. No Plano de Atividade Cultural, havia uma previsão para participação de aproximadamente 3 mil pessoas, direta ou indiretamente. Pelo orçamento, período e objetivos do projeto (de trabalho com as relações), seria praticamente inviável. Os 300 estudantes que participaram diretamente estiveram ativos e foram agentes de todas as etapas do projeto. Para cada aluno, estima-se a participação indireta de 15 outras pessoas do bairro.

E qual a finalidade, então, de projetos como este? Apresentar aos jovens referências que os conectem as suas famílias, as suas histórias, a sua região. Caso as relações entre gerações apresentem-se muito superficiais ou fragilizadas, as referências apropriadas pelos mais jovens serão as que são ofertadas, podendo muitas vezes serem ofertas baseadas no mercado, que não tem outra finalidade a não ser fazê-los consumidores e reprodutores das mesmas.

No ano de 1968, Paulo Freire escreve sobre o trabalhador social como agente de transformação social. Este, ao abandonar a ingenuidade para perceber as estruturas sociais, “trabalha com, jamais sobre, os indivíduos, a quem considera sujeitos e não objetos, incidências de sua ação” (FREIRE, 1981) . Consciente das forças e mecanismos de homogeneização, indica como um educador ou agente social conduz suas atividades: “O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula. Mas, rejeitando a prescrição e a manipulação, rejeita igualmente o espontaneísmo” (Idem).

Assim, para realização de atividades ou ações com a finalidade de mudança no cenário social, como propõem os teóricos da Nova Museologia, o museólogo, educador ou trabalhador social, precisa se ver parte dos processos e do contexto.

O papel do trabalhador social se desenvolve num domínio mais amplo, no qual a mudança é um dos aspectos. O trabalhador social atua, com outros, na estrutura social. Daí que se nos imponha compreendê-la em sua complexidade. Se não a entendemos como algo que, para ser, tem de estar sendo, não teremos dela uma visão crítica. (Idem)

Ao situar-se no contexto social ao qual está inserido, o trabalhador social precisa posicionar-se. Neste processo não há ingenuidade, nem neutralidade. “Sua opção determina seu papel, como seus métodos de ação. É uma ingenuidade

pensar num papel abstrato, num conjunto de métodos e de técnicas neutros para uma ação que se dá em uma realidade que também não é neutra” (FREIRE, 1981)

ANEXOS

Anexo I

Questionário para a/o agente do Saber Programa Mais Cultura nas Escolas

6º Ano () Matutino () Vespertino
Entrevistador: _____ Data da entrevista: _____

1) Nome do entrevistado: _____

2) Idade: _____

3) Há quantos anos mora em Santo Antonio: _____

4) Aonde mora: _____

5) Um breve histórico do bairro:

6) Pratos da culinária de Santo Antonio + Mestre do saber:

7) Músicas ouvidas antigamente em Santo Antonio/ Mestre do saber + Bandas do bairro: _____

8) Plantas cultivadas em Santo Antonio + Mestre do saber: _____

Anexo II

ENTREVISTA AOS METRES DOS SABERES DE SANTO ANTÔNIO
PROJETO MAIS CULTURA – SINAL DO VALE
COLÉGIO ESTADUAL HERVALINA DINIZ

Nome do aluno: _____

Ano: _____

Nome do entrevistado: _____

PLANTAS MEDICINAIS

1) O (a) senhor (a) faz uso de plantas medicinais? () SIM () NÃO

2) Como o(a) senhor (a) aprendeu sobre o uso das plantas medicinais?

3) Aonde o(a) senhor(a) encontra as plantas que utiliza?

4) O (a) sr (a) usa as frutas com finalidade curativa?

5) Quais outras funções as plantas têm?

6)

| NOME DA PLANTA | FAZ USO? S? N? | PARA QUE SERVE |
|----------------|----------------|----------------|
| Aroeira | | |
| Assa peixe | | |
| Babatimão | | |
| Cantara | | |

| | | |
|---------------|--|--|
| | | |
| Carobinha | | |
| Cipó – peludo | | |

Anexo III

ENTREVISTA AOS METRES DOS SABERES DE SANTO ANTÔNIO

PROJETO MAIS CULTURA – SINAL DO VALE

COLÉGIO ESTADUAL HERVALINA DINIZ

Nome do aluno: _____

Ano: _____

Nome do entrevistado: _____

PERGUNTAS GERAIS

- 1) O que mudou na cidade de Santo Antônio de quando o senhor (a) era jovem para agora?

- 2) Vocês costumavam ter um ponto de encontro para se divertirem? E o que faziam?

- 3) Que tipo de festas ou comemorações aqui de Santo Antônio estão ligadas as religiões?

4) Quem eram os metres da Folia de Reis? E onde podemos encontrar o material utilizado na festa?

5) O que mudou no clima de Santo Antônio?

6) Como era água quando o rio era limpo? E por que o senhor (a) acha que ele não é mais assim?

7) Por que o senhor acha que muitos políticos têm vergonha da Baixada Fluminense?

- 8) O que o senhor (a) acredita que precisa melhorar para os moradores ou para o bairro de Santo de Antônio?

- 9) Existiu uma banda formada pelos moradores de Santo Antônio?

- 10) Qual música era popular em Santo Antônio na sua época? E qual estilo musical era mais tocado?

Bibliografias

Referências Bibliográficas

AMORIM, Alice et al. Liderança e Educação na Transição para a Sustentabilidade. In: JORNADA DE APRENDIZAGEM DO PROGRAMA LEAD, 1., 2013, Duque de Caxias. **Liderança e Educação na Transição para a Sustentabilidade**. Duque de Caxias: Abdl/lead, 2013. p. 19 - 26.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. HOMENS E MULHERES DE “PALAVRA”: diálogo e educação popular. 2009. Revista Portuguesa de Educação, nº 22, p. 207-224.

CARVALHO, Luciana Menezes de. Waldisa Rússio e Tereza Scheiner- dois caminhos, um único objetivo: discutir museus e Museologia. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 4 no 2 – 2011, p. 147-158.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In:

CHAGAS, Mário. Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia . In: Crítica y emancipación : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires, 2008. Disponível em : <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2016.

DESVALLEES, Andre e MAIRESSE, François. **Conceitos-Chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus/Pinacoteca do Estado de São Paulo/Secretaria de Estado de Cultura, 2013.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: pontapés de saída de uma abordagem ainda mais inovadora. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013, p. 99-117.

HENRIQUES, Luiz Oliveira. A COMUNICAÇÃO NA ESCOLA E NO MUSEU. In: CADERNOS DE MUSEOLOGIA, nº 5, 1996.

FREIRE, Paulo. O papel do trabalhador social no processo de mudança. In: Ação Cultural para Liberdade e outros escritos. Editora Paz e Terra, 1981, pp. 31-35.

Mench, Peter van, 1947 –O objeto de estudo da museologia/ Peter van Mench; tradução: Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.

MACHADO, Priscila Pereira. Programa Nacional de Educação Museal: análise do contexto político da criação do programa e seu processo metodológico (2010-2014). 2015. 75 f. Monografia (Bacharelado em Museologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MORAES, Nilson Alves de . Políticas públicas , políticas culturais e museu no Brasil. Revista Museologia e Patrimônio , v. 2, n. 1, 2009. Disponível em : <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/46/26>>. Acesso em: 10 ago 2015.

MORAES & SOUZA, Luciana Christina Cruz & Nilson Alves de. MUSEU E MUSEOLOGIA: INSTITUIÇÃO E CONHECIMENTO EM MUDANÇA. 2013. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2013.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO IPHAN. Brasília, 2011.

SANTOS, Maria Célia. MUSEU E EDUCAÇÃO: conceitos e métodos. 2001.

Referências documentais

http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/manualdesenvolvimento_mais_culturanas_escolas_perodo+eleitoral_19-08.pdf/ecf78e5c-f9bd-4528-a427-a1c906d12c56. Acesso em 21 de maio de 2016.

BRASIL. Diário Oficial da União. 02/04/2014. Seção 1, p. 16 Disponível em: (<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/04/2014&jornal=1&pagina=16&totalArquivos=124>), acesso em 17/05/2016.

BRASIL, Educação Patrimonial Manual de Aplicação Mais Educação, Brasília:IPHAN, 2013.

BRASIL, Programa Mais Cultura nas Escolas Manual de Desenvolvimento de Atividades, Brasília:MEC, 2014.

BULAT, Relatório Mais Cultura nas Escolas Colégio Hervalina Diniz parceria com o SINAL do Vale, Rio de Janeiro, 2014.

BULAT, Relatório Técnico 5º encontro da terceira etapa de Execução do Programa Mais Cultura nas Escolas Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires e SINAL do Vale, Rio de Janeiro, 2014.

BULAT, Relatório Técnico 6º encontro da terceira etapa de Execução do Programa Mais Cultura nas Escolas Colégio Estadual Hervalina Diniz Pires e SINAL do Vale, Rio de Janeiro, 2014.